



A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA EDUCAÇÃO SEXUAL COM ADOLESCENTES

André Estevam Jaques. Doutorando em Ciências pelo Programa de Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – EERP/USP. Professor da Universidade Paranaense – UNIPAR. Membro efetivo do Centro Avançado de Educação para a Saúde e Orientação Sexual - Educação Preventiva em Sexualidade, DST, AIDS, Drogas e Violência - CAESOS. Orientador do PIC/UNIPAR 2011. Projeto Financiado pela UNIPAR. E-mail: aejk@unipar.com.br

Larissa Angélica da Silva Philbert. Doutoranda e Mestre em Ciências pelo Programa de Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – EERP/USP. Professora do Ensino Fundamental I da Secretaria Municipal de Ribeirão Preto. Membro efetivo do Centro Avançado de Educação para a Saúde e Orientação Sexual - Educação Preventiva em Sexualidade, DST, AIDS, Drogas e Violência - CAESOS. E-mail: larissas3@yahoo.com.br

Sonia Maria Villela Bueno. Prof.^a Dr.^a Livre Docente do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas – DEPCH. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – EERP/USP. Presidenta do Centro Avançado de Educação para a Saúde e Orientação Sexual - Educação Preventiva em Sexualidade, DST, AIDS, Drogas e Violência – (CAESOS/EERP-USP). E-mail: smvbueno@eerp.usp.br

Ingrid Mayara Almeida Valera. Graduanda em Enfermagem pela Universidade Paranaense – UNIPAR. Orientanda PIC/UNIPAR 2011. E-mail: ingrid_imav@hotmail.com

RESUMO: A importância de se proporcionar um diálogo aberto e horizontalizado sobre a sexualidade humana durante todo ciclo vital e principalmente na fase da adolescência no período de formação da identidade, das descobertas de novas sensações e sentimentos e de transformação do corpo é a forma mais segura e preventiva de qualquer tipo de doença, seja ela ou não, infecto contagiosa. A falta de conhecimento e informação adequada, associada à repressão, dissimulação, credices populares, tabus, preconceitos e desconhecimento de si e do outro, pode vir a favorecer a disseminação de inúmeros transtornos biopsicossociais. O profissional de Enfermagem deve se preparar para o seu papel educativo e reconhecer que a educação para a saúde na temática da sexualidade faz parte do seu dia a dia na prestação de serviços em saúde.

Palavras-chave: Educação Sexual; DST/AIDS; Enfermeiro.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), “a sexualidade é a forma de expressão ou o conjunto de formas de comportamentos do ser humano, vinculados aos processos somáticos, psicológicos e sociais do sexo”. Isto representa e define a forma como nos comportamos, pensamos ou agimos, pelo fato de sermos homem ou mulher (OMS, 1986 apud ROMERO et al., 2007).

Segundo Abdo (2006), o conceito contemporâneo referente à sexualidade, é que esta é uma experiência individual regida por diferentes desejos e condutas que a tornam um processo absolutamente pessoal, natural e de direito. A forma como cada indivíduo se percebe como um ser sexual de modo particular, na forma de manifestar, de comunicar, de sentir, de expressar e de viver o amor é intrínseco à sua natureza, podendo ou não ser

modificada por fatores externos como a moral, a religião e a imposição de papéis sexuais, sem que isto resulte em grande sofrimento e angústia, já que é sabido que a sociedade e suas instituições exercem grande influência no ser humano.

A sexualidade encontra seu ápice no período da adolescência que é uma etapa evolutiva, peculiar ao ser humano, considerado o momento crucial do desenvolvimento do indivíduo, que marca não só a aquisição da imagem corporal, como também a estruturação da identidade pessoal, como sendo uma fase repleta de transformações físicas, emocionais e psicológicas (OLIVEIRA; CARVALHO; SILVA, 2008).

A temática sexualidade é o assunto recorrente e de interesse na maioria das conversas com adolescentes, fazendo com que o profissional ou responsável que esteja presente passe a repensar sua própria sexualidade e a das novas gerações o que pode possibilitar um conflito de condutas, visão de mundo e de educação (OSÓRIO, 1992 apud CANO; FERRIANE; GOMES, 1998).

De modo geral quando as pessoas têm conhecimento de si mesmas e das etapas de transformação pelas quais pode passar e consegue relacionar com os aspectos sociais, culturais e políticos, tendem a valorizar a educação para sua própria saúde e os hábitos saudáveis, o que acaba refletindo no meio social e no seu papel cidadão de exigir melhorias nas políticas públicas de saúde (GOMES et al., 2002).

De acordo com Bueno (2009) e Nunes (2006), dialogar sobre a sexualidade em nosso meio social e educacional pode contribuir para uma melhor qualidade de vida, na promoção da saúde física e mental e conseqüentemente, sexual e reprodutiva, como também na redução dos índices de gravidez não planejada, aborto, violência, bem como na tolerância e respeito à diversidade em relação à opção sexual, na orientação dos profissionais do sexo, na prevenção de DST/Aids, planejamento familiar e principalmente, na identificação de casos de abuso sexual e/ou pedofilia, pornografia e prostituição infantil entre outros. Podendo ser possível criar um ambiente livre de preconceitos, medos e discriminação, já que os referenciais de construção sobre a sexualidade atualmente se dão num contexto de aparências, de estereótipos, de banalização do sexo, dos sentimentos, das relações afetivo-sociais e do corpo (PHILBERT, 2009).

Para se efetivar alguma transformação social em relação à compreensão da sexualidade humana, faz-se necessário como ponto de partida o entendimento dos padrões e normas sexuais da sociedade e da forma como eles estão relacionados com a nossa estrutura histórica, sócio-econômica, educacional, política e cultural.

A formação generalista do enfermeiro para ações educativas em relação à temática sexualidade humana, pode ser vista como uma proposta inovadora, humanizada, que rompe com a formação voltada para o modelo biomédico, biologicista, autoritário e normalizador das relações entre os serviços de saúde e a população e a educação progressista e dialética passa a ser mais valorizada em oposição à educação bancária que é envolta pela cultura do silêncio, trazendo o estudo dessa temática de forma mais naturalizada entre os adolescentes e população em geral (BUENO, 2009; MAGALHÃES, 2007 apud PHILBERT, 2009).

OBJETIVO

Esta pesquisa buscou investigar sobre a adolescência e a sexualidade na saúde.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para essa pesquisa foi à revisão bibliográfica que possibilitou através de livros, banco de dissertações e teses (USP) e da consulta às bases de dados de periódicos e artigos (SCIELO) o levantamento do referencial teórico em questão utilizando os seguintes descritores: adolescência, sexualidade e enfermeiro.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A adolescência é considerada um período de transição entre a infância e a 'idade adulta', sendo evidenciada por intenso crescimento e desenvolvimento que se manifesta por transformações anatômicas e fisiológicas, caracterizando as transformações da puberdade, além de transformações psicológicas e sociais. Essas mudanças levam o adolescente a uma nova relação com os pais e com o mundo, e essa nova fase vem marcada com perdas, sendo perda do corpo infantil, perda da imagem dos pais que ele tinha na infância e a perda da identidade infantil enfim, é um momento de vivenciar os lutos da infância (COSTA; PACHECO; SILVA, 2007).

Segundo Vitiello (1988), alguns adolescentes passam primeiramente por mudanças e manifestações físicas desse período, mas o seu desenvolvimento ou maturação de natureza biopsicossocial ainda não está sedimentado ou fortalecido e o que se tem é um indivíduo com um corpo apresentando características sexuais, mas com atitudes infantis ou, ao contrário, indivíduos rebeldes, contestadores, em crises existenciais, com corpo infantil.

Embora a sexualidade seja um fenômeno que acompanha o indivíduo desde ao nascer, mas é na adolescência que ocorre o seu ápice. Desta forma é talvez o componente mais conflituoso, sendo fonte de crises e preocupações por parte dos adolescentes, mas também por parte dos pais. A família só passa a perceber a transição da infância para



adolescência a partir das manifestações da sexualidade, das características secundárias, quando os filhos, aparentemente, tornam-se “seres sexuados” (OLIVEIRA, 1995).

Contudo o exercício da sexualidade ser considerado uma conduta simples e cotidiana, é muito complexa e permeia aspectos cognitivos que vão desde os mais primitivos (sensoriais), até esquemas de representação mais complexos, que envolvem a linguagem corporal, facial e outros sistemas de sinais. Há ainda os aspectos culturais, extremamente relevantes, também imbricados na formação e no exercício da sexualidade humana (ROMERO et al., 2007).

A sexualidade humana, apesar das inúmeras mudanças nas últimas décadas, continua sendo velada. Não obstante, sempre esteve presente nas relações entre os seres humanos, mesmo que de um modo não consciente. Através do conhecimento do próprio corpo temos a oportunidade de nos re-conhecer, expressar e comunicar, como também, estar em contato com a vida que circula nele: o prazer, a dor, a alegria, a transformação e a energia sexual fazem parte do ser integralmente (PHILBERT, 2009).

A fase da adolescência é repleta de descobertas, transformações e adaptações, mas também pode desencadear medos deixando o jovem vulnerável e sedento de apoio, proteção e orientação (CANO; FERRIANI; GOMES, 1998). Nessa fase o assunto recorrente é a sexualidade, por isso família, escola, centros de formação de professores e de saúde devem estar aptos para atender essa demanda, mesmo diante de toda dificuldade pessoal e cultural existente (COSTA; PACHECO; SILVA, 2007) e segundo Romero et al. (2007), a desinformação é responsável pelos comportamentos sexuais de risco.

Em muitos momentos a falta de consciência/conhecimento e informação/orientação/diálogo familiar sobre as representações e manifestações da sexualidade pode fazer com que os adolescentes iniciem prematuramente a vida sexual, o que podem ter como consequência, a aquisição de doenças sexualmente transmissíveis (DST's), gravidez e vários danos emocionais. Alguns autores colocam que os adolescentes que recebem orientação dos pais e os percebem disponíveis e acessíveis para conversar, apresentam menos possibilidades de riscos (AZEVEDO; ABDO, 2006).

É importante esclarecer que as DST/Aids atualmente não estão mais vinculadas a grupos de risco e sim a comportamento de risco, sem proteção ou consciência de seu corpo, emoções e atitudes, assim como, as crendices, mitos e tabus culturais podem dificultar os trabalhos de educação para a saúde.

Azevedo e Abdo (2006) realizaram uma pesquisa com 103 alunos do ensino fundamental (5ª a 8ª séries) evidenciaram que 72% haviam tido relação sexual completa e destes 39% usaram camisinha; 73% sabiam o que é Aids, mas o conhecimento sobre as outras DST's era precário; 52% dos jovens pensam que a pílula anticoncepcional previne as DST's; 24% e 36% acreditavam, respectivamente que o dispositivo intra-uterino e o diafragma favorecem dupla proteção.

No estudo realizado por Gomes et al. (2002) dos 400 adolescentes entrevistados 57,6% apresentaram níveis insatisfatórios de conhecimento sobre DST/Aids, principalmente as meninas, mas um fator pareceu positivo que há um aumento de informação com o aumento da escolaridade.

Peláez et al. (1983), em seus estudos realizados no Chile e na Bolívia, demonstraram o pouco conhecimento sobre puberdade entre adolescentes das escolas públicas. Já uma pesquisa realizada no Brasil (OLIVEIRA, 1995) mostrou que mães adolescentes e jovens de 10 a 14 anos apresentam desconhecimento sobre o funcionamento do próprio corpo e do parceiro em relação à sexualidade (CARVALHO et al., 2001).

Na pesquisa de Azevedo e Abdo (2006) constataram que as principais fontes de informação sobre sexualidade eram os pais (45%), os amigos (26%), seguidos pelo meio de comunicação (13%) e (3%) da escola e os professores. O estudo de Romero et al. (2007) com adolescentes residentes na zona rural e urbana corrobora com esses resultados em que os adolescentes procuram os pais para conversarem sobre sexualidade mesmo que na superficialidade e que os amigos também são citados como fonte de informação mesmo que, em alguns momentos, as conversas deixem de ter a seriedade necessária. Gomes et al. (2002), revela que de maneira geral o adolescente não recebe da família informações que envolvam saúde e quando tem acesso a essas informações, são muitas vezes limitadas e inadequadas, provenientes de amigos, de pessoas pouco preparadas para essa informação. O adolescente, quando questionado quanto ao local apropriado para discutir sobre sexualidade, aponta a escola como local ideal para discussões e troca de experiências, visto que isso ocorre nas rodinhas entre amigos ou com profissionais que não estão preparados para discutir esse tema.

A escola pela sua importância no campo de socialização do escolar e adolescente, seria um veículo muito importante para educação sexual, mas devido a variáveis como o despreparo dos professores para discussão do tema, a ideologia em que para dominar a situação usam mecanismos de controle como a repressão ou biologização da sexualidade,



com a convivência das ciências médicas, vinculando o exercício da sexualidade somente a prática das funções reprodutoras. Esta equivalência imposta entre sexualidade e reprodução, como um fenômeno essencialmente biológico, objetivo, palpável através dos filhos gerados, ocasiona uma cisão entre a sexualidade e a subjetividade, restando apenas informações sobre reprodução, anatomia, fisiologia, Aids e contracepção, assim deixando de lado a subjetividade, seja da criança ou do adolescente (BRÊTAS; SILVA, 2005).

A família é a principal reguladora da sexualidade e suas orientações podem ter uma visão proibitiva. As informações recebidas limitam-se à explicação de regras de condutas e estão apoiadas em valores que priorizam a manutenção do sistema familiar. Os pais, geralmente, não percebem que a família deveria estar disponível para oferecer tais informações, assim, elas passam a ser obtidas por meio de revistas, amigos, colegas de escola, longe dos olhos dos pais (DIAS; GOMES, 1999).

Segundo Brêtas e Silva (2005), muitas vezes os pais têm dificuldades em abordar questões de sexualidade com seus filhos, justamente por não terem muito claro o que aconteceu com eles próprios e que seus valores e modelos educacionais e de sociedade são diferentes da geração de seus filhos (COSTA, 1986). Neste contexto, os pais atribuem à tarefa de educação sexual para as escolas, porém, temos que considerar o fato de que o professor pode sentir-se despreparado em lidar com aspectos da educação sexual.

Os controles e tabus acerca da sexualidade muitas vezes perpassam sobre as questões de gênero e diversidade sexual. Pesquisa realizada por Brêtas, Ohara e Jardim (2008), com 920 adolescentes, demonstraram que 13% dos participantes consideraram a homossexualidade uma doença e 34% como algo absurdo. Egypto (2003) ressalta que 60% dos alunos adolescentes entrevistados não gostariam de estudar ao lado de homossexuais e que 40% dos professores não sabem lidar com essa situação no ambiente de trabalho e com alunos.

A banalização do corpo diante da sexualidade pela mídia aliena a pessoa de si mesma a ideias ilusórias e anseios desvirtuados e até mesmo inatingíveis. Isso acaba gerando uma cegueira parcial diante dos valores humanos e sociais e também de uma sensação de vazio e insatisfação constante, além da possibilidade de serem bombardeados com mensagens com conteúdos pornográficos (CARIDADE, 1999; COSTA; PACHECO; SILVA, 2007).

É fundamental destacar que os fenômenos da globalização e a informatização contribuíram para efetivar o paradigma do risco e da incerteza, afetando desse modo o tom de nossas emoções, o lugar dos corpos e de papéis de gêneros a serem desempenhados. Os

vínculos afetivos e sexuais seguem a lógica das paixões consumistas (BRUNS; ALMEIDA, 2004). Mas, a mídia também vem contribuindo significativamente com uma visão mais aberta em relação à homoafetividade (STRASBURGER, 1995).

A importância de se proporcionar um diálogo aberto e horizontalizado sobre a sexualidade humana é a forma mais segura e preventiva de qualquer tipo de doença, seja ela ou não, infecto contagiosa. A falta de conhecimento e informação adequada associada à repressão, dissimulação, credices populares, tabus, preconceitos e desconhecimento de si e do outro, pode vir a favorecer a disseminação de inúmeros transtornos e pode configurar um processo de assexualidade tanto do futuro profissional como do usuário do serviço de saúde e influenciar negativamente a qualidade da assistência (DIAS, 2000 apud PHILBERT, 2009).

A sexualidade não pode ser mais discutida pela perspectiva higienista e repressiva, da ordem médica, ou jurídica da classificação e etiquetagem das práticas sexuais que escapavam aos ditames morais, que excluía o direito à diferença e a diversidade de ideias e em relação à sexualidade. Segundo Freud (1996), subordinar a sexualidade à função reprodutora é um critério demasiadamente limitado.

Para que ações educativas em sexualidade, entre outros assuntos correlatos nessa área possam ter bons resultados, é imprescindível que os profissionais sejam eles da educação ou da saúde estejam preparados e instrumentalizados de acordo com os referenciais teórico-práticos sobre sexualidade humana, gênero, corpo e afetividade (aspectos sócio-históricos, culturais e espirituais) e que tenham habilidades comportamentais éticas para lidarem com essa temática de forma natural e não somente focada na técnica, na informação ou na tríade saúde-doença-prevenção (BUENO, 2009).

Todavia, acreditamos que é através da educação e da comunhão entre as pessoas que o ser humano torna-se mais humano, e que através dela se projeta à sociedade que se deseja sabendo que a sexualidade faz parte desse contexto, já que toda prática educativa é um exercício de sociabilidade. O processo educativo seja do ensino básico, superior e, portanto, nas relações sociais, em todos os seus aspectos e níveis, não podem continuar a ser tratados e vividos como se fossem assexuados, enquanto o cotidiano vulgariza, reprime, distorce, padroniza e empobrece o ser humano de sua própria sexualidade (FIGUEIRÓ, 2006, FREIRE, 2001; BUENO, 2009).

A sexualidade humana sempre foi e ainda é um tema de interesse e repercussão pública e que tem múltiplos entendimentos. É fundamental que a sexualidade seja discutida



desde cedo, permitindo que crianças e adolescentes cultivem hábitos saudáveis, esclareçam dúvidas e falem de questões pertinentes à sua própria saúde (CRIVELARI, 2007).

Uma importante fonte de informação sobre sexualidade com uma visão holística, são os enfermeiros, pois são profissionais que estão habilitados para desenvolver ações de educação em saúde, portanto, poderão planejar e implementar ações que favoreçam a saúde do adolescente e também que apoiem a família, pois é neste período que os pais apresentam grande dificuldade para interagir com os filhos, principalmente no que se refere a sexualidade (RAMOS, 2001).

Ao trabalhar questões sobre a sexualidade, o profissional deve levar em conta as particularidades de cada família e agir de forma a apoiá-la, protegê-la e fortalecê-la. A família e as instituições que atendam adolescentes e o enfermeiro devem compartilhar conhecimentos e ações com o objetivo de orientar os adolescentes para exercerem sua sexualidade com responsabilidade, dignidade e prazer, longe de doenças, da gravidez, traumas, etc. (ALMEIDA; CENTA, 2009).

É fundamental que todos, governo, profissionais de saúde e de educação, família, escola e sociedade, não economizem esforços para que os adolescentes sejam educados, não só para exercer sua sexualidade, mas principalmente, para exercer seus direitos com responsabilidade, sendo respeitados e respeitando os outros. Educar sexualmente é também, possibilitar ao indivíduo o direito a vivenciar o prazer, de autoconhecimento e auto-estima. Educar sexualmente igualmente implica em ensinar atitudes de respeito e tolerância para com todos que vivem sua sexualidade de maneira diferente dos padrões heteronormativos instituídos socialmente (NUNES, 2005).

O profissional da saúde tem de certa maneira, uma dupla identidade: a de educador e de trabalhador da saúde. Essa duplicidade resulta do fato de que a educação ocupa lugar central no trabalho desenvolvido pelos profissionais da saúde, inclusive, tornando-o viável. É impossível pensar em saúde sem simultaneamente, pensar em educação e as relações existentes entre ambas. Por isso, faz-se pertinente uma melhor preparação dos estudantes de enfermagem para docência, programas de educação para a saúde e para o trabalho com a temática sexualidade humana (GAZZINELLI; REIS; MARQUES, 2006).

CONSIDERAÇÕES

Depreendemos que trabalhar a temática sexualidade e seus desdobramentos de forma aberta e democrática, compreendendo o ser humano e suas dimensões sexuais, longe de



preconceitos, tabus, mitos e crendices populares, possibilitam ao ser humano ser mais pleno, mais digno e mais humano e conseqüentemente mais feliz, tanto pessoal quanto profissional, no decorrer de todas as fases do seu ciclo vital.

Assim acreditamos que o comportamento sexual humano, quando vivenciado sem riscos, pode proporcionar alegria, prazer e satisfação. Ao contrário, quando há desconhecimento e despreparo, o resultado pode ser desagradável e provocar sofrimento, por isso, ultimamente muito se fala sobre sexo seguro, o que significa poder vivenciar a sexualidade de forma satisfatória, sem o temor da ocorrência de doenças, situações ou não planejadas, as quais podem colocar em risco a própria saúde e vida.

A atuação do enfermeiro diante da temática sexualidade com adolescentes ou com a população em geral deve ser valorizada e incentivada através de treinamentos, vivências e até mesmo no curso de graduação.

REFERÊNCIAS

- ABDO, C. H. N. **Sexo pode ser**. São Paulo: Prestígio, 2006.
- ALMEIDA, A. C. C. H.; CENTA, M. L. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. **ACTA Paulista de Enfermagem**, v. 22, n. 1, p. 71-76, 2009.
- AZEVEDO, G. E.; ABDO, C. H. N. Adolescentes de classe média do ensino fundamental: prática e conhecimento da sexualidade. **Pediatria: Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo**, v. 28, n. 3, p. 184-190, 2006.
- BUENO, S. M. V. **Tratado de educação sexual e sexualidade DST, AIDS, drogas e violência**. Ribeirão Preto: FIERP/EERP-USP, 2009.
- BRÊTAS, J. R. S.; SILVA, C. V. Orientação sexual para adolescentes: relato de experiência, **ACTA Paulista de Enfermagem**, v. 18, n. 3, p. 327-333, 2005.
- BRÊTAS, J. R.S.; OHARA, C. V. S.; JARDIM, D. P. O comportamento sexual de adolescentes em algumas escolas no município de Embu. São Paulo, Brasil. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 29, n. 4, p.581-587, 2008.
- BRUNS, M. A. T.; ALMEIDA, S. **Sexualidade preconceito, tabus, mitos e curiosidades**. Campinas: Átomo, 2004.
- CANO, M. A. T.; FERRIANI, M. G. C.; GOMES, R. Sexualidade na Adolescência: um estudo bibliográfico. **Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/ Universidade de São Paulo**. v. 5, n. 2, p. 45-52, 1998.
- CARIDADE, A. Capítulo 1 A construção cultural da sexualidade. *In*: RIBEIRO, M. (Org) **O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde**, vol. 2. São Paulo: Gente, 1999.
- CARVALHO, V. M. B.; et al. O contexto da gravidez em adolescentes no processo de escolarização em Belo Horizonte. **Resumo do VIII Congresso Internacional Brasileiro de Adolescência**. v. 1, n. 1, p. 13-17, 2001.



COSTA, J. F. C.; PACHECO, Z. M. L.; SILVA, G. A. Compreendendo a sexualidade dos adolescentes. **Revista Mineira de Enfermagem**, v.11, n.2, p.188-195, 2007.

COSTA, M. **Sexualidade na adolescência: dilemas e crescimento**. 3º ed. Porto Alegre: Editora L e PM, 1986.

CRIVELARI, M. **Trabalhar a sexualidade: guia prático para professores de ensino fundamental**. São Paulo: Editora Lua, 2007.

DIAS, A. C. G.; GOMES, W. B. Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. **Estud. Psicol (Natal)**. v. 4, n. 1, p. 79-106, 1999.

EGYPTO, A. C. **O projeto de orientação sexual na escola**. São Paulo: Editora Cortez; p. 13-31, 2003.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível**. Campinas: Mercado das Letras-Eduel, 2006.

FREUD, S. **Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)**. *In*: Obras psicológicas completas: Edição Standard Brasileira. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAZZINELLI, M. F., REIS, D. C., MARQUES, R de C. (Org). **Educação em Saúde: teoria, método e imaginação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

GOMES, W. A. et al. Nível de informação sobre adolescência, puberdade e sexualidade entre adolescentes. **Jornal de Pediatria**, v. 78, n. 4, p. 301-308, 2002.

NUNES, C. A. **Desvendando a Sexualidade**. Campinas: Papirus. 2005.

NUNES, C. A. Dialética da sexualidade e educação sexual no Brasil. **Revista Linhas**. Santa Catarina, v.7 nº.1, 2006. Disponível em:
<<http://www.periodicos.udesc.br/linhas/ojs/viewissue.php?id=14>>. Acesso em: 28 ago. 2008.

OLIVEIRA, D. L. O fenômeno da sexualidade adolescente: conceito, contextualização e análise. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 16, n. ½, p. 94-97, 1995.

OLIVEIRA, T. C.; CARVALHO, L. P.; SILVA, M. A. O enfermeiro na atenção à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. **Rev. Brás. Enferm.** v. 61, n. 3, p. 30-45, 2008.

PELÁEZ, P. G.; et al. Desarrollo del adolescente: encuesta de conocimientos y actitudes entre escolares de enseñanza básica. **Revista Chilena de Pediatría**, n. 54, p. 107-111, 1983.

PHILBERT, L. A. da S. **Investigação da formação dos estudantes do curso de Licenciatura em Enfermagem para temática sexualidade humana**. Ribeirão Preto, 2009. 102 f. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Ciências. Área de Concentração: Enfermagem Psiquiátrica – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto /USP, Ribeirão Preto, 2009.

RAMOS, F. R. S. Bases para uma re-significação do trabalho de enfermagem junto ao adolescente. **ABEN: Associação Brasileira de Enfermagem**, p. 11-18, 2001.

ROMERO, K. T. et al. O conhecimento das adolescentes sobre questões relacionadas ao sexo. **Rev. Assoc. Med. Bras**, v. 53, n.1, p.14-19, 2007.

STRASBURGER, V. C. **Adolescents and the media: medical and psychological impact**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1995.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

VITIELLO, N. *Adolescência hoje*. São Paulo: Roca, 1988.